

ADEUS, SENHORA, QUE EU PARTO.

TRÊS GLOSAS ANÓNIMAS E A IMPUBLICÁVEL VARIAÇÃO DE DOMINGOS MONTEIRO

1. Em trabalho apresentado há pouco¹, tivemos oportunidade de coligir — acrescentando uma série de novas informações — os dados bio-bibliográficos disponíveis sobre o poeta setecentista Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral.

Na listagem das suas obras que então apresentámos, fizemos referência a dada altura à indicação de Inocêncio Francisco da Silva segundo a qual Domingos Monteiro (a forma mais usada do seu nome) seria o autor de uma glosa, “imprópria para o prelo”, e portanto inédita, iniciada pelo verso “*Nise, ouço as tuas razões,/ Porém não sei que te diga*”². Na altura, não tínhamos elementos que nos permitissem confirmar nem a existência, nem a atribuição deste texto.

Em pesquisa recente realizada na Biblioteca Municipal do Porto, encontrámos — um pouco por acaso — uma versão manuscrita dessa glosa, expressamente atribuída a Domingos Monteiro. Trata-se do ms. 1912, em que o texto ocupa o fôlio 41 (r. e v.).

Entretanto, no decorrer de outras consultas de códices contendo poemas do século XVIII, fomos recolhendo novas glosas do mesmo mote, todas anónimas. Uma — que designaremos como texto I — faz parte do manuscrito em que se encontra o texto de Domingos Monteiro (fo. 39 r. e v.); outra — que será o texto II — está incluída no ms. 297 (pp. 162 a 164) da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; e uma terceira — o texto III — figura no ms. 1129 (p. 275) da B.M. do Porto.

O objectivo desta nota é pois o de apresentar estes quatro textos, fazendo-os preceder de um breve comentário.

¹ *Silva Alvarenga — Contributos para a elaboração de uma edição crítica das suas obras*, Porto, 1994.

² De acordo com Inocêncio (*Dic. Bibl.*, tomo IX), esta atribuição seria confirmada por Francisco Manuel do Nascimento, amigo do autor.

2. Como dissemos, todos os textos desenvolvem um mote comum, que poderia ser apresentado do seguinte modo (deixando de lado pequenas divergências que dois deles apresentam relativamente ao v. 2): *Adeus, senhora, que eu parto;/ descansada ficarás./ Se algum dia te lembrares,/ compaixão de mim terás.* Como é possível perceber de imediato, estamos perante tópicos muito habituais da lírica amorosa, nomeadamente o da despedida e o da infelicidade do amante.

Esta expectativa não é defraudada nas três glosas anónimas, embora se notem diferenças significativas na abordagem do tema. Os textos I e II abordam o mote da forma mais previsível, apresentando-se dominados pelo motivo do sofrimento e pelos protestos de fidelidade do amante. O texto III, pelo contrário, apresenta a partida como uma opção voluntária, justificando-a com a infidelidade — o *novo emprego* — da amada, desenvolvendo depois o tópico da traição, associado ao do sofrimento.

Muito diferente é a glosa de Domingos Monteiro — que será o texto IV —, na medida em que o autor a coloca claramente no terreno da paródia. Retomando uma tradição cujos melhores exemplos na literatura portuguesa se situam talvez no período barroco, Monteiro leva a glosa para o domínio da escatologia, defraudando as expectativas de uma forma susceptível de ser considerada chocante (e de gerar comentários como o de Inocêncio) e imprimindo-lhe um cunho que, mais do que cómico, é sobretudo satírico, pela oposição que estabelece face ao cânone literário que estava em vigor.

Inserido no conjunto da obra do autor, este texto não chega a ser propriamente surpreendente. É verdade que a parte talvez mais significativa da obra de Domingos Monteiro — que foi um respeitável juiz e ocupou importantes cargos no aparelho de Estado — se situa num plano diametralmente oposto, sendo constituída por textos compostos de acordo com as normas neoclássicas, quase sempre dirigidos às personalidades da época. Por outro lado, Monteiro — de acordo com uma referência contida num manuscrito que publicámos no trabalho referido na nota 1 — é o autor de um texto, impresso anonimamente, de certa importância no domínio da doutrina poética: trata-se da *Carta escripta ao Senhor Domingos dos Reys Quita, que serve de resposta a outra, que lhe escreveu hum seu amigo; e corre impressa com os seus versos.* Apesar disso, o autor escreveu uma série de sátiras particularmente ferinas no contexto da chamada *Guerra dos Poetas*, sendo também da sua autoria um interessante ABC poético intitulado *A Peidologia*³, que apresenta evidentes afinidades com a glosa em

³ Porto, Typographia Commercial Portuense, 1836 (trata-se de uma edição póstuma).

causa. Esta obra também foi publicada anonimamente, mas a autoria não oferece dúvidas. Por um lado, há a informação de Inocêncio, que acrescenta que o texto correu largos anos manuscrito; por outro, há pelo menos uma fonte manuscrita que confirma essa atribuição⁴.

Para terminar este breve comentário, falta fazer referência ao ponto de vista formal, aspecto em que os quatro textos se revelam muito semelhantes. Como seria de esperar, apresentam-se constituídos por quatro décimas de redondilha maior, obedecendo — com uma ou outra irregularidade — ao seguinte esquema rimático: ABBAACDDC.

3. Na transcrição do texto, respeitámos fielmente as fontes manuscritas, procurando contudo proporcionar uma leitura acessível, razão pela qual procedemos às seguintes transformações: desenvolvemos as abreviaturas; separámos as palavras que se apresentam unidas e vice-versa; actualizámos a ortografia (assinalando em rodapé as formas originais susceptíveis de serem consideradas características da época); actualizámos e introduzimos, de forma prudente, os sinais de pontuação.

I.

Mote

[fo.39r.]

*Adeus, senhora, qu'eu parto;
descansada ficarás.
Se algum dia te lembrares,
compaixão de mim terás.*

Glosa

É chegado aquele instante
em que a cruel despedida
deixa uma alma dividida
do coração mais amante.
Mas golpe tão penetrante,
meu bem, não sei explicar-te.
Adeus, enfim, que me aparto.
Lembrem-te meus tristes ais;
não te posso dizer mais.
Adeus, senhora, que parto.

⁴ Trata-se do manuscrito P-116 da "Portuguese Manuscripts Collection" da Library of Congress (Washington). É uma miscelânea, que inclui na sua sétima parte *A Peidologia, Poema por Domingos Monteiro d'Albuquerque e Amaral*.

Se os meus olhos te ofenderam,
a minha culpa confesso.
Perdão deles já te peço;
bem vês que de amor nasceram.
Se a magoar-te se atreveram,
tudo acabado verás.
E já agora viverás
um feliz sossego tendo,
porque sei que em te não vendo
descansada ficarás.

Temo ser tão desgraçado [fo.39v.]
que fique no apartamento,
e da vista e do pensamento
igualmente separado.
Mas se em teu peito magoado
sinais de amor encontrares *,
das aflições dos pesares
que hei-de padecer sem ver-te,
não queiras nunca esquecer-te,
se algum dia te lembrares.

Então, se ouvires dizer
que suspirando morri,
conhecerás que sem ti
era impossível viver.
Então, depois de eu morrer,
meu amor conhecerás;
a crueldade verás
com que me tiraste a vida,
e chorando arrependida
compaixão de mim terás.

II.

Mote

[p.162]

*Adeus, senhora, que eu parto;
descançada ficarás.
Se algum dia te lembrar,
compaixão de mim terás.*

* No manuscrito, *encontrarei*.

Glosa

Senhora, adeus, que é preciso *
deixar-te e partir depressa.
Ah, meu bem, já começa
a dar-me volta o juízo!
Perco a razão, perco o siso,
Quando dos teus pés me aparto.
Nem eu posso ponderar-to;
sempre me sinto morrer.
Mas, enfim, isto há-de ser.
Adeus senhora que eu parto.

Descansa, meu bem, descansa, [p.163]
que por mais que queira o fado,
no meu amante cuidado
ninguem há-de ver mudança.
Na mais firme segurança,
dentro da minha alma vais.
E se te não satisfaz
o meu amor desta sorte,
dá-me, meu bem, dá-me a morte;
descansada ficarás.

Morro, meu bem, certamente,
se me aparto dos teus pés.
Porém como a causa tu és,
morro deveras contente.
Viver eu de ti ausente
seria desesperar. [p.164]
Não, senhora, hei-de acabar
levando do amor a palma.
E tu reza-me por alma,
se algum dia te lembrar.

* No manuscrito, *perciso*.

Cuidas, senhora, que é graça,
ou é sonhado delírio,
esta mágoa, este martírio,
que esta noite por mim passa?
Oh Deus, que ainda a desgraça
nisto maior se me faz!
Deixa, que tu ouvirás
quanto por teu amor sinto.
E então, vendo que não minto,
compaixão de mim terás.

III.

Mote

[p.275]

*Adeus, senhora, que eu parto;
descansada ficarás.
Se algum dia te eu lembrar,
compaixão de mim terás.*

Glosa

Quando de amor andei cego,
era tão forçoso o amar-te
quanto me custa o deixar-te,
vendo que tens novo emprego.
Vive com feliz sossego,
que eu não pretendo * estorvar-to **;
pois como já me aparto,
resoluto a mais não ver-te,
venho somente a dizer-te:
adeus, senhora, que eu parto.

* No manuscrito, *pertendo*.

** No manuscrito, *estorvar-to*.

Ver-te possuir de um traidor
não posso na minha presença,
que é menos sentida a ofensa
na ausência do ofensor.
Queixas contra o meu amor
já cruel não formarás.
E se em laços que amor faz
eu te prendi a vontade,
já na tua liberdade
descansada ficarás.

Na sem razão de deixar-me
me fazes enlouquecer.
Mas como sei que és mulher,
não tenho que admirar-me.
Nem as delícias de amar-me
tornes mais a recordar.
Mas se acaso te ficar
a imagem da antiga glória,
desterra-me da memória,
se algum dia te lembrar

Lá virá tempo, homicida,
em que sintas ter-me ausente,
porque a dita não se sente
senão depois de perdida.
Porém, como tens nova lida,
julgo não o sentirás;
antes tão cruel serás
que se eu morrer nesta ausência,
nem sequer por clemência
compaixão de mim terás.

IV.

Mote

[fo.41r.]

*Adeus, senhora, qu'eu parto;
descansada ficarás.
Se algum dia te lembrar,
compaixão de mim terás.*

Glosa

Nise, ouço as tuas razões,
porém não sei que te diga.
Entra a doer-me a barriga,
temo cagar nos calções.
Buscarei ocasiões
em que não venha de parto.
Perdoa se assim me aparto,
mas não posso demorar-me.
Ai, ai, que entro a cagar-me!
Adeus, senhora, qu'eu parto.

Mas se hei-de ir por mim cagando
ou tendo dores a fio,
vou aqui ao teu bacio,
vai tu daí conversando.
Deixa-me ir espeidorrando,
que a merda já vai atrás.
Caga tu, Nise, e verás
o cagar que gosto tem;
porque em tu cagando bem,
descansada ficarás.

Conversemos! Sem razão,
maltratas a quem te adora.
Lá vão dous peidos agora,
lá vai mais um cagalhão!
Que grande consolação
que é esta de cagar!
Em casa é bom, mas ao ar
é melhor! E toma atento:
põe tu, Nise, o cu ao vento,
se algum dia te lembrar.

[fo.41v.]

VARIA

Por ora tenho cursado;
mas fico na desconfiança
que esta contínua cagança
me tem teu rigor causado.
Se o que até aqui hei cagado
nenhum abalo te faz,
as tripas cagar verás,
cagar alma e teu rigor;
verei se por tal fedor
compaixão de mim terás.

Francisco Topa